

A IA já chegou às empresas. Mas onde a gente aprende a usar isso na prática?

Por Marcio Furlani · 15 de outubro de 2026

A inteligência artificial já é uma realidade. Ela está nas ferramentas que usamos, nas conversas sobre trabalho e nas decisões das empresas. E, junto com tudo isso, vem aquela pergunta que a gente escuta o tempo inteiro: você está preparado?

Certo. Mas preparado como? Estudando onde? Aprendendo a fazer o quê?

Porque é fácil dizer que o profissional precisa se atualizar. O que precisamos discutir com mais clareza é o caminho para que ele consiga fazer isso. Principalmente aquele profissional que tem uma loja para abrir, uma equipe para acompanhar, clientes para atender e uma rotina que não para enquanto ele aprende.

A reportagem “Procura-se especialista em IA”, do Jornal Nacional, colocou essa questão em evidência. A descrição oficial apresenta um estudo da Fundação Getulio Vargas sobre a adoção da IA pelas empresas e a dificuldade de encontrar profissionais preparados para usar essas tecnologias.

Uma outra pesquisa, realizada pelo Sebrae e pela FGV IBRE, com colaboração do Google, ajuda a entender o problema dos pequenos negócios. O levantamento é de dezembro de 2025, e sua análise foi publicada em janeiro de 2026. Entre os microempreendedores individuais pesquisados, 23% apontaram não saber como aplicar IA no próprio negócio como uma dificuldade.

Perceba: a dúvida é sobre aplicação. O que eu faço com isso dentro da minha realidade?

Existem caminhos diferentes para aprender. Há graduação, pós-graduação, extensão e cursos livres. Cada formação tem seu papel, e a escolha precisa considerar o que a pessoa quer fazer. Quem pretende desenvolver modelos e trabalhar com pesquisa precisa de uma preparação diferente de quem quer começar organizando o atendimento de uma pequena empresa.

O problema é quando a pessoa procura uma aplicação para o seu trabalho e encontra uma explicação que termina antes de mostrar como fazer.

Aprendizado de máquina, modelos de linguagem, prompts. Tudo isso tem importância. Mas precisamos conseguir levar esses conceitos até aquela planilha que ninguém consegue organizar, até as perguntas que o cliente faz todos os dias, até o relatório que o gestor recebe e não sabe por onde começar a analisar.

Vamos pensar em uma distribuidora. Em uma tabela, você tem o código e o nome do cliente. Em outra, o código e o CNPJ. Em uma terceira, o CNPJ e os produtos comprados. Você quer reunir essas informações para trabalhar melhor com elas.

Pedir à IA que explique como juntar tabelas pode ajudar. Mas o aprendizado pode seguir: descrever as colunas, pedir apoio para criar uma macro, entender o código, executá-lo em uma cópia da planilha e conferir se os clientes e os produtos foram associados corretamente.

É esse percurso completo que precisa aparecer na formação. Inclusive com a explicação de que a IA ajudou a produzir o código, enquanto o Excel executou a automação. E com uma pergunta indispensável: como eu sei que o resultado está certo?

No atendimento, podemos seguir o mesmo raciocínio. Imagine organizar as dúvidas mais frequentes dos clientes e pedir ajuda para elaborar respostas. Antes de usar, alguém precisa verificar preços, prazos, condições e informações dos produtos. A IA não pode preencher o que falta inventando uma política que a empresa nunca teve.

São exemplos de atividades que podemos ensinar. Começam com um problema compreensível e terminam com uma entrega que precisa ser conferida.

Por isso, quando penso em preparar pessoas para trabalhar com IA, penso também em como será a aula. O aluno vai apenas assistir a uma demonstração? Ou vai fazer, encontrar uma dificuldade, perguntar e tentar novamente com orientação?

Quem ensina precisa conseguir acompanhar esse processo. Explicar por que escolheu aquele caminho, perceber quando a resposta não serve e mostrar como corrigir. Também precisa dizer quando uma tarefa exige outro profissional ou quando uma informação não deve ser colocada naquela ferramenta.

E a empresa tem responsabilidade nessa preparação. Se quer uma equipe mais preparada, precisa reservar espaço para aprender e definir quais usos fazem sentido. Podemos começar com uma atividade pequena, dados fictícios ou autorizados e critérios simples para conferir o resultado. Depois, avaliar o que pode ser levado para a rotina.

Esse cuidado evita que uma resposta bonita seja confundida com trabalho concluído.

É com essa preocupação que estou preparando a proposta do curso IA para Negócios: aproximar o aprendizado das situações que empresários e profissionais encontram no dia a dia, com prática orientada e espaço para compreender o que estão fazendo.

O objetivo é que a pessoa consiga olhar para uma necessidade do seu trabalho, identificar onde a IA pode ajudar e saber como conferir aquilo que produziu.

Então, quando perguntarmos se alguém está preparado, precisamos estar dispostos a conversar sobre o próximo passo. Qual tarefa essa pessoa pode começar a aprender? Quem vai orientá-la? Como ela vai reconhecer um resultado confiável?

É por aí que eu acredito que essa formação precisa caminhar.

Fontes e referências

Jornal Nacional / Globo · Procura-se especialista em IA

Descrição oficial sobre adoção empresarial e necessidade de profissionais preparados. Descrição revalidada em 15/10/2026.

FGV IBRE · Uso de IA nos negócios no Brasil

Publicado em 28/01/2026. Pesquisa Sebrae/FGV IBRE de dezembro de 2025, com colaboração do Google. Dado de 23% entre os MEI pesquisados. Revalidado em 15/10/2026.



Marcio Furlani

Professor universitário, consultor e criador do Radar IA. À frente da M•Furlani Consultoria, conecta marketing, pessoas, processos e dados à aplicação prática da inteligência artificial nos negócios.

Conheça o editor